

# SUPER INTERESSANTE

EDIÇÃO BIBLIOTECA



## OS PRIMEROS PORTUGUESES

PRÉ-HISTÓRIA NO TERRITÓRIO DE PORTUGAL

# SUPER

## INTERESSANTE HISTÓRIA

Maio de 2025

Direção **Carmen Sabaleta** (csabaleta@zinetmedia.es)



### REDAÇÃO

Redatora chefe **Cristina Enríquez** (cenriquez@zinetmedia.es).  
Coordenação de design **Óscar Álvarez** (oalvarez@zinetmedia.es).

### REDAÇÃO EM MADRID

C/ Alcalá, 79. 1º A. 28009 Madrid; Teléfono +34 810 583 412.

Colaboradores: **José Eduardo Franco** (coordenador geral),  
**João Luís Cardoso** (coordenador científico deste número),  
**Nuno Bicho, João Cascalheira, Célia Gonçalves,**  
**António Faustino de Carvalho, Nuno Neto, Paulo Rebelo,**  
**António M. Monge Soares, Raquel Vilaça, Tempus Art.**

Consultora **Marta Ariño**  
Diretor Geral Financeiro **Carlos Franco**  
CRO (Diretor Comercial) **Alfonso Juliá** (ajulia@zinetmedia.es).  
Brand manager **Marta Espresate** (mespresate@zinetmedia.es)

### DISTRIBUIÇÃO:

VASP – Distribuição e Logística, S.A.  
A Super Interessante é uma publicação  
registada na Entidade Reguladora  
para a Comunicação Social com o n.º 118 348.  
Depósito legal: 122 152/98.



© Zinet Media Global, S.L. Esta publicação é propriedade exclusiva da Zinet Media Global, S.L., e a sua reprodução total ou parcial, não autorizada, é totalmente proibida, de acordo com os termos da legislação em vigor. Os contraventores serão perseguidos legalmente, tanto a nível nacional como internacional. O uso, cópia, reprodução ou venda desta revista só poderá realizar-se com autorização expressa e por escrito da Zinet Media Global, S.L.

## Complex societies of the 3rd millennium BC and the bell-beaker question

*João Luís Cardoso*

### Abstract

In the 150 years following the collection of the first fragments of bell-beaker ceramics in Portuguese territory, few studies were presented on these manifestations, with emphasis on those produced by Octávio da Veiga Ferreira (1966) and Richard J. Harrison (1977). The Author also produced several studies on this subject, which became increasingly complex as the data accumulated, This short essay corresponds to an updated synthesis on this very discussed topic, which is of interest to the entire European continent.

**Keywords:** bell-beaker; origin; diffusion; Portugal



Cena da vida doméstica. Produção cerâmica no povoado pré-histórico de Leceia. Conceção e desenho digital de Bernardo Lam Ferreira/ João Luís Cardoso

# AS SOCIEDADES COMPLEXAS

do 3.º milénio a.C. e a questão campaniforme

JOÃO LUÍS CARDOSO

Investigador-Coordenador do ICAREHB (Universidade do Algarve).  
Coordenador do CEACO (Câmara Municipal de Oeiras)

**A**s produções campaniformes do território português foram reconhecidas desde os inícios da década de 1860, através dos trabalhos pioneiros de Carlos Ribeiro, e da Comissão Geológica de Portugal por si co-dirigida. Datam dessa época as primeiras explorações realizadas no povoado pré-histórico de Rotura, Setúbal, tendo algumas das cerâmicas decoradas ali recolhidas sido reproduzidas em litografia, destinada a ser incluída num álbum sobre a Pré-História portuguesa, a ser apresentado à Exposição Universal de Paris, de 1867. Tal álbum não se imprimiu, mas a coleção de litografias que a ele se destinavam, das quais se conservam alguns exemplares, já foi objeto de publicação pelo signatário.

No decurso dos 150 anos seguintes à recolha dos primeiros fragmentos de cerâmicas campaniformes em território português, poucos estudos de síntese foram apresentados sobre tais manifestações, destacando-se os produzidos por Octávio da Veiga Ferreira (1966) e por Richard J. Harrison (1977). Também o Autor, no âmbito de duas obras de síntese sobre a Pré-História portuguesa, elaborou duas sínteses (2002, 2007) sobre esta temática, de crescente complexidade, à medida que os dados se avolumavam, a que se seguiram diversos estudos de natureza monográfica de sua autoria, dado ser temática a que tem dedicado especial interesse.

No norte e no centro do País, a acumulação de informação produzida nos últimos vinte anos, resultou em larga medida de trabalhos de campo conducentes às primeiras sínteses regionais, devidas a diversos arqueólogos, como Susana Oliveira Jorge (2002), Ana Bettencourt (2011) e João Carlos de Senna-Martinez (1994).



Litografia de conjunto de fragmentos de cerâmicas calcólicas do povoado da Rotura (Setúbal), destinada a integrar álbum sobre a Pré-História Portuguesa por ocasião da Exposição Universal de Paris de 1867, o qual jamais chegou a realizar-se. Os exemplares n.ºs 3 e 8 correspondem aos primeiros fragmentos de vasos campaniformes estudados do território português e dos primeiros a nível europeu. Fotografia de João Luís Cardoso.

No sul do território português, o avanço dos conhecimentos resultou sobretudo da mega-operação de minimização de impactes arqueológicos decorrentes do projeto hidroelétrico e agrícola associado à barragem de Alqueva; com a escavação de diversos sítios da bacia do Guadiana, destacando-se o do Porto das Carretas, entretanto publicado por Joaquina Soares (2013), embora outros sítios, como é o caso do recinto de fossos dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz), tenham resultado de sucessivos projetos de investigação sob a égide de António Valera e colaboradores.

Os resultados obtidos, tendo também presentes as respetivas cronologias absolutas, especialmente no que à Estremadura diz respeito, que é onde o registo material se afigura, de longe, mais rico e diversificado, conduziram ao estabelecimento de diversas hipóteses sobre as características da sociedade campaniforme, para além da demonstração da assinalável antiguidade da sua formação, tanto na Estremadura, como no norte do território português. Com efeito as primeiras manifestações campaniformes remontam, com base nas datas de radiocarbono publicadas, a cerca de 2700 a.C. como indicam as datações absolutas obtidas tanto pelo signatário, na Estremadura, como por Maria de Jesus Sanches, no norte do País.

Por outro lado, na Estremadura, tendo em consideração a existência de espaços, habitados ou funerários, com espólios exclusivamente campaniformes, admitiu

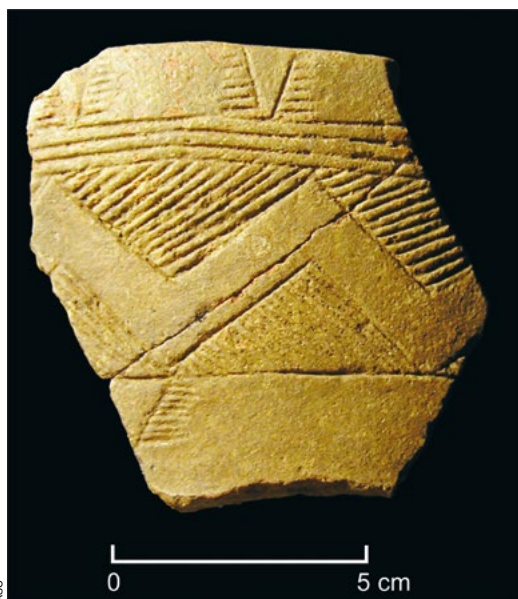


Vaso marítimo recolhido na gruta artificial n.º 2 de Alapraia (Cascais). Arquivo de João Luís Cardoso. Fundo Octávio da Veiga Ferreira.

o signatário que se estaria na situação de coexistência de duas formações sociais coevas mas distintas, uma correspondente aos portadores de produções campaniformes, a par de outra, que não utilizava tais produções no seu quotidiano, no decurso de quase toda a segunda metade do 3.º milénio a.C. Tal coexistência, na Estremadura, teria sido acompanhada da diferenciação interna da sociedade campaniforme, associada à emergência de elites cuja presença se encontra atestada por produções cerâmicas de grande qualidade, correspondentes aos vasos campaniformes marítimos, a par de adornos auríferos e armas de cobre arsenical.

Podem entrever-se indícios de tal diferenciação na instalação, nos povoados fortificados, pré-existentes (como Leceia) ou só então construídos (como Penha Verde, Moita da Ladra), das elites emergentes, denunciadas pela já referida presença de vasos campaniformes de fina manufatura, como os vasos marítimos, próprios para o consumo de bebidas alcoólicas, contrastando com o observado nos sítios abertos, onde abundam os vasos de maiores dimensões e de fabrico mais grosseiro, destinados ao armazenamento, claramente relacionados com as atividades produtivas ali desenvolvidas e onde os vasos marítimos não ocorrem ou são raros, ao mesmo tempo que ocorrem produções de estilos locais, de que são exemplo as chamadas taças de Palmela, caracterizadas pelo bordo aplanado e profusamente decorado. Tal realidade suporta a hipótese da existência de diferenciações sociais no seio das comunidades campaniformes, pelo menos das que habitaram ao longo do 3.º milénio a.C. na Baixa Estremadura.

Por outro lado, a ausência, absoluta ou quase absoluta, de materiais campaniformes em alguns sítios fortificados da Baixa Estremadura, como é o caso do Penedo



Fragmento de grande vaso (caçoila) de armazenamento do povoado campaniforme aberto de Freiria (Cascais). Note-se a representação simbólica das hastes de veado, animal conotado com a vida, no friso superior, abaixo do bordo. Fotografia de João Luís Cardoso.



Grande taça Palmela, com «omphalos» na zona central da base, para permitir maior estabilidade do recipiente, da gruta artificial de S. Paulo II (Almada). Museu de Almada. Fotografia de João Luís Cardoso.

de Lexim, Mafra, e do Outeiro Redondo, Sesimbra, é contraditória com o facto de estes se localizarem na região do território português com maior abundância de produções campaniformes. Tal significa que os habitantes daqueles dois sítios, que tinham forçosamente conhecimento de tais produções, as não integraram deliberadamente no seu quotidiano, indício de que poderiam ser populações diferentes daquelas que, na mesma região e época, as utilizavam com carácter intensivo. Por outras palavras, é aliciante entrever nestes indícios a possibilidade de coexistência de duas formações sociais culturalmente e, eventualmente, geneticamente diferenciadas, mas convivendo aparentemente sem conflitualidade, no mesmo espaço geográfico.

## EM BUSCA DAS ORIGENS

Hubert Schmidt, em 1913, foi quem, pela primeira vez chamou a atenção para a importância da Península Ibérica na origem e difusão dos vasos campaniformes, tendo sido logo seguido por Bosch Gimpera, que postulou a sua dispersão pan-europeia a partir desta região. Tal proposta inspirou Alberto del Castillo (1928) na sua notável obra de síntese. Muitos anos volvidos, este autor, em 1954, afirmou que a expansão dos vasos campaniformes foi sempre por via marítima – atlântica e mediterrânea – atribuindo à metalurgia do cobre o motor principal desta realidade. E anteviu premonitoriamente a importância de realização de futuras escavações em povoados da região do estuário do Tejo para a resolução da questão da origem e cronologia da cultura do vaso campaniforme.

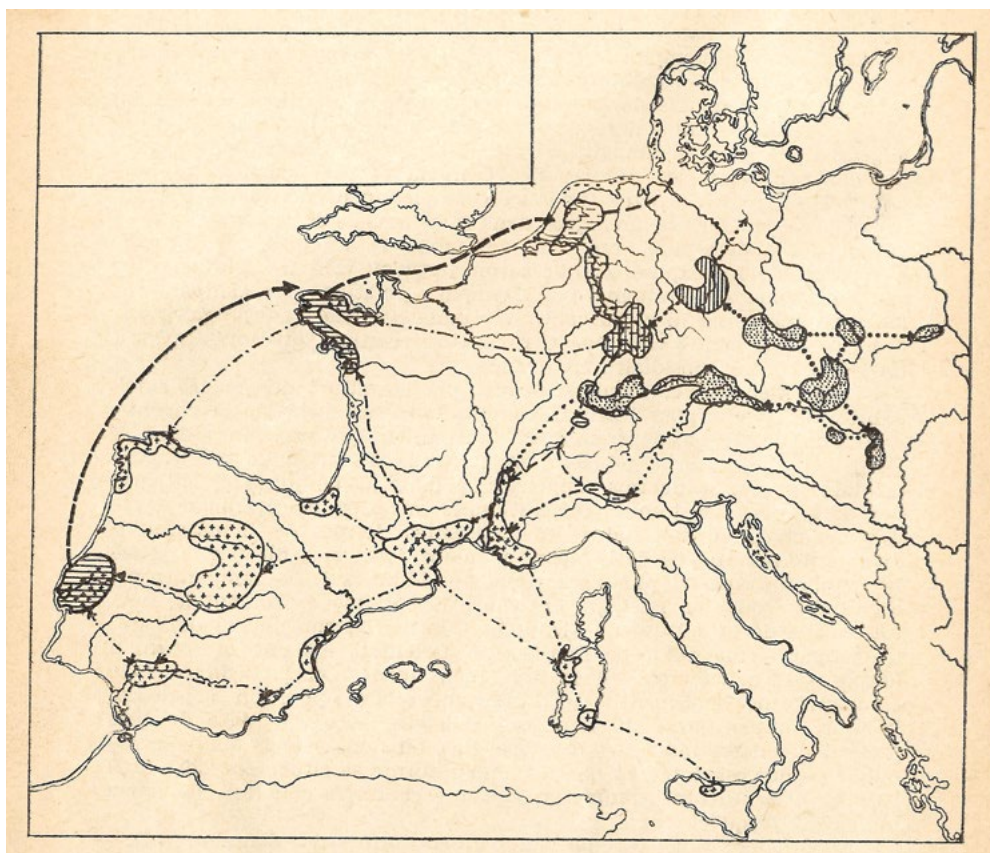
A «teoria clássica» veio progressivamente a aprimorar-se, destacando-se a proposta de E. Sangmeister do «refluxo» (1963), a qual foi de certo modo corroborada pelo «modelo dual» de Harrison (1977). Este modelo, que admitia duas origens diferenciadas, uma na Península Ibérica, outra na Europa Central, foi recentemente apoiada pelos resultados de ADN relativos às populações campaniformes europeias (graças aos trabalhos de Olalde e colaboradores, 2018), como adiante se verá.

Laure Salanova (2000), retomando a «teoria clássica», defendeu a origem do vaso marítimo no estuário do Tejo, até por constituir a região europeia onde se observa a sua maior concentração, em termos absolutos, considerando que tal vaso correspondia à única produção campaniforme pura, por ela designada de estilo «standard». Neste contexto, torna-se evidente a importância das datas de radiocarbono publicadas que apontam para a sua efetiva antiguidade na região em apreço, especialmente as relativas à Cabana FM do povoado pré-histórico de Leceia, Oeiras, publicadas pelo signatário em 2014, que comprovam a emergência do campaniforme nesta região cerca de 2700 a.C., ou mesmo antes, época em que os vasos marítimos já coexistiam com produções campaniformes de cunho regional e com as produções não campaniformes pré-existentes.

As análises de ADN efetuadas por Olalde e colaboradores, feitas à escala europeia a populações campaniformes, vieram confirmar a descendência direta destas a partir das suas antecessoras locais (2018), comprovando assim indiretamente a antiguidade do vaso marítimo na região do estuário do Tejo, de onde se expandiu, ao longo da costa atlântica, constituindo-se a Bretanha como importante pólo recetor, até assumir valores residuais em regiões mais orientais, no vale do Reno e nos Países Baixos.

A particular incidência de vasos marítimos na região do estuário do Tejo não pode desligar-se da riqueza e do uso intensivo e extensivo dos férteis solos desta região, consubstanciando uma agricultura altamente produtiva, geradora de excedentes propícios ao estabelecimento de excedentes, cuja comercialização requeria a existência de vias de circulação transregionais. Terá sido, deste modo, a importância agrícola da região, tal como o observado em outras regiões europeias, que explica a abundância das manifestações campaniformes aqui verificadas, muito maior do que a observada nas regiões cupríferas como já Richard Harrison havia observado em 1977, pondo em causa o tradicional binómio campaniforme-metalurgia do cobre. Tal conclusão encontra-se reforçada ainda pela realidade observada nas regiões cupríferas do Alto e do Baixo Alentejo, onde a presença campaniforme é muito inferior à registada na Estremadura, acentuando-se tal realidade no Algarve, em que é residual, não obstante a riqueza cuprífera ali observada.

Por outro lado, na Estremadura, não é aceitável a hipótese de as produções campaniformes corresponderem a bens de prestígio. Na verdade, constituem por vezes a exclusividade das cerâmicas decoradas encontradas, tanto em povoados campaniformes abertos (Freiria, Cascais) como em simples casais agrícolas de pequenas dimensões (Leião, Oeiras; Monte do Castelo, Oeiras), onde a hierarquização social não se poderia colocar, muito menos o alto estatuto dos seus habitantes. Exce-



Representação gráfica, à escala europeia, da «teoria do Refluxo» de Edward Sangmeister, de 1963



Punhal de lingueta e duas pontas  
Palmela da sepultura epicampaniforme de Montelavar (Sintra).  
Museu Geológico do LNEG. Fotografia de João Luís Cardoso.

tuam-se, como acima se referiu, os vasos marítimos, cujas funções ou valor social «ultrapassam amplamente o simples uso quotidiano», como justamente salientou Laure Salanova em 2005.

A existência de duas cadeias operatórias na Estremadura, conducentes a diferentes produções campaniformes – os vasos marítimos e os recipientes mais grosseiros e com decorações técnica e tematicamente distintas – que ocorrem em sítios claramente diferenciados, os primeiros em povoados de altura fortificados, os segundos em sítios de encosta de pequenas e médias dimensões, indicam utilizadores diferenciados. Como se explicará então a sua coexistência e quais as razões que a determinaram?

Desde 2014 que o signatário procurou responder a tal questão, no respeitante à região do estuário do Tejo foram cabalmente explicadas. Em primeiro lugar, foi demonstrada pelo radiocarbono a coexistência, ao longo da segunda metade do 3.º milénio a.C., de vasos marítimos e de recipientes em geral mais grosseiros, em geral grandes vasos de armazenamento, integráveis nos chamados «Grupo de Palmela» e «Grupo Inciso». Do levantamento então realizado, verificou-se que os vasos marítimos se concentravam em povoados fortificados, enquanto que as produções mais grosseiras – de onde os vasos marítimos estão quase completamente ausentes – correspondiam a povoados abertos ou simples casais agrícolas, como os acima referidos.

Assim sendo, tendo presente que a distribuição diferenciada das produções campaniformes não possui significado cronológico, pois as datações obtidas pelo radiocarbono vieram comprovar a coexistência entre povoados fortificados, por um lado, e povoados abertos e casais agrícolas, por outro, ao longo de toda a segunda metade do 3.º milénio a.C., pode concluir-se o seguinte: às elites campaniformes, sediadas em povoados fortificados, competia a gestão dos respetivos territórios, as quais utilizariam produções finas (os marítimos) no seu quotidiano, correspondentes a marcadores do seu estatuto social, enquanto que às comunidades socialmente menos relevantes, distribuídas pelos numerosos casais agrícolas e pequenos povoa-

dos abertos dispersos pelas encostas, estaria reservada a produção agropecuária intensiva e extensiva, viabilizada pela notável aptidão dos solos de toda a região adjacente ao estuário do Tejo.

No respeitante à cronologia absoluta proporcionada pelo radiocarbono, sabe-se que o limite inferior dos intervalos a 2 *sigma* das mais antigas cronologias peninsulares, e mesmo do Midi francês, pode remontar a cerca de 2800/2700 cal BC, ainda que com alguma incerteza. Tal incerteza foi desvanecida com as diversas datações obtidas para a Cabana FM de Leceia, publicadas pelo signatário desde 2014, indicando que o campaniforme já se encontrava completamente formado na região do estuário do Tejo cerca de 2700 a.C.

As cronologias relativas ao campaniforme de Ciempozuelos, grupo campaniforme característico da meseta ibérica e que conheceu prolongamento das suas produções até ao estuário do Tejo, são mais recentes, tornando-se seguras apenas a partir de 2500 a.C. Esta realidade é, assim, condizente com as influências referidas por Edward Sangmeister (1963), respeitantes a um segundo momento do campaniforme, oriundas da Europa Central, que designou por «teoria do Refluxo», a que respeita a figura da página 125.

Tal teoria, consubstanciada na existência de influências tardias centro-europeias no campaniforme peninsular, foram recentemente suportadas pelos resultados das análises de ADN relativas a cerca de 280 indivíduos campaniformes abrangendo o território europeu. No respeitante aos cinco indivíduos do território português analisados, avultam os 3 indivíduos da necrópole campaniforme então instalada na gruta de Verdelha dos Ruivos (Vila Franca de Xira), cronologicamente situáveis entre 2700 e 2300 a.C., que evidenciam a total ausência de contributos genéticos de populações da Europa Central. No entanto, tais contributos encontram-se já presentes em algumas populações do território espanhol, algumas delas correspondentes à meseta ibérica. Esta realidade é assim compatível com a «teoria do Refluxo», situando a chegada de tais populações ao território peninsular portadoras de novas produções campaniformes, diferentes dos vasos marítimos, aqui rapidamente adotadas.

Deste modo, o cruzamento dos dados genéticos com a cronologia absoluta das amostras analisadas veio dar credibilidade às influências campaniformes oriundas da Europa Central que aqui se teriam feito sentir a partir de 2500 a.C., através da

Dois boiões decorados de marfim, destinados a guardar cosméticos ou outras substâncias, da gruta artificial n.º 2 de S. Paulo (Almada). Museu de Almada. Fotografias de João Luís Cardoso.



sua penetração rápida e generalizada de indivíduos no sentido de Este para Oeste. A nula influência genética de tais populações centro-europeias nas populações campaniformes do território português significa que estas, quer pela sua afastada posição geográfica, quer sobretudo pela sua cronologia mais antiga, não receberam os influxos daquela difusão, afirmando-se como descendentes diretas das suas antecedentes neolíticas. Esta conclusão constitui mais um argumento a favor da origem dos vasos marítimos no estuário do Tejo e da sua subsequente difusão por via marítima, em época anterior à importante movimentação populacional oriunda da Europa Central, agora demonstrada por via genética.

As considerações anteriores configuram a plena circulação de pessoas e de bens, demonstrada pela via de produtos manufaturados, a qual conheceu no decurso do Calcolítico campaniforme evidente expressão. Referem-se, especialmente os produtos de valor acrescentado, como os instrumentos de cobre do quotidiano, como furadores, serras, facas e anzóis, que a curto trecho foram acrescentados das armas, representadas por pontas de projétil de tipo Palmela e por punhais de lingueta, peças típicas de contextos campaniformes e epicampaniformes.

A circulação e comercialização de produtos preciosos, como é o caso do marfim, de origem norte-africana, teve também assinalável expressão nesta mesma época, atestando a existência de vias de comércio estabelecidas, neste caso, com o território marroquino, como comprovam objetos de indumentária, como os alfinetes de toucado de marfim comuns no Calcolítico da Estremadura, como os recolhidos em Leceia (Oeiras) a par de outras produções de luxo, como os boiões para a conservação de cosméticos ou unguentos, como os recolhidos na gruta artificial São Paulo 2 (Almada). Tais objetos de indumentária acompanham, por seu turno, a emergência de jóias de ouro, presentes em contextos já da segunda metade do 3.º milénio a.C. Estas produções, por seu turno associam-se a armas, também de cobre arsenical, cada vez de maiores dimensões, e mais sofisticadas, representadas por adagas longas e pelas primeiras espadas e alabardas, que corporizam a plena afirmação



Objetos de ouro recolhidos na necrópole campaniforme da gruta natural da Verdelha dos Ruivos (Vila Franca de Xira). Observam-se finas tiras de ouro espiraladas, possivelmente adereços de cabelo ou de barba e uma folha recortada e dobrada, possivelmente utilizada como anel. Fotografias de João Luís Cardoso.

das elites, no seio desta sociedade que era também de comerciantes, pastores, agricultores e artesãos.

O incremento da importância destes *itens*, na transição para a Idade do Bronze, verificada ao longo do último quartel do 3.º milénio a.C. em todo o território português, pode ser associado à emergência de sepulturas individuais do tipo cista. Tal período de transição., no qual já não ocorriam os vasos campaniformes decorados, associa-se à tradicional existência de dois Horizontes arqueológicos epicampaniformes identificados no território português, um respeitante aos domínios a norte do Rio Tejo, o Horizonte de Montelavar, o outro correspondente ao sul do mesmo rio, o Horizonte de Ferradeira, ambos com *terminus* cerca de 1800 a.C. Na verdade, estes dois horizontes deveriam fundir-se numa única designação, de tal forma são homogêneas as produções que os caracterizam.



Alabarda de lingueta de cobre recolhida no povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo (Palmela). Escavações e fotografias de João Luís Cardoso.

## PRÁTICAS FUNERÁRIAS

No respeitante às práticas funerárias, são escassas as sepulturas campaniformes conhecidas no território português. Cita-se o pequeno megálito fechado de Chã do Carvalho 1, Baião, construído para albergar uma única tumulação onde ocorrem espólios metálicos e cerâmicos campaniformes, numa região em que tais manifestações são muito escassas, o que sublinha a origem exógena desta ocorrência; a gruta artificial do Convento do Carmo, Torres Novas, correspondendo a sepultura coletiva exclusivamente utilizada por população portadora de produções campaniformes; e a gruta natural da Verdelha dos Ruivos, Vila Franca de Xira, em que os corpos foram colocados em posição fetal, com os membros fletidos, posição comum nos enterramentos campaniformes além-Pirenéus; e, finalmente, a sepultura individual em poço do Monte da Quinta do Castelo, Beja, onde se recolheu um único vaso marítimo. Todas as restantes sepulturas campaniformes conhecidas correspondem sempre à reutilização das sepulturas coletivas anteriormente existentes, sejam em grutas naturais, grutas artificiais e sepulturas de falsa cúpula, conforme se verifica sobretudo na Estremadura, sejam em monumentos dolmênicos, realidade mais frequente tanto no norte, no centro e no sul do País, dado serem ali os tipos de sepulcros dominantes, embora nalguns casos tenha sido possível identificar enterramentos individuais, como é o caso dos dólmenes das Casas do Canal (Estremoz), e de Montum (Melides) sublinhando neste domínio o pragmatismo de tais populações. ■